



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 19/11/2021 a 25/11/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
19/11/2021	12,63	371,80	58,16	8,23	5,70
22/11/2021	12,74	370,00	59,41	8,45	5,76
23/11/2021	12,73	362,20	60,14	8,56	5,80
24/11/2021	12,66	357,60	60,94	8,36	5,79
25/11/2021	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
Média	12,69	365,40	59,66	8,40	5,76

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	159,00	
RS – Não Me Toque	159,00	
RS – Londrina	159,00	
PR – Cascavel	159,00	
MT – C.N.Parecis	149,00	
MS – Maracaju	157,00	
GO - Rio Verde	153,00	
BA – L.E.Magalhães	161,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	84,00	CIF
Porto de Paranaguá	86,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	82,00	
SC – Rio do Sul	84,00	
PR – Cascavel	79,00	
PR – Londrina	78,00	
MT – C.N.Parecis	70,00	
MS – Maracaju	70,00	
SP – Itapetininga	80,00	
SP – Campinas	83,00	CIF
GO – Rio Verde	71,00	
GO – Jataí	71,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	81,00	
RS – Não Me Toque	81,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	90,00	

Período: 24/11/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 25/11/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	81,59	158,97	81,61

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
25/11/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	64,99
Feijão (saco 60 Kg)	250,31
Sorgo (saco 60 Kg)	63,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,60
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,17**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,12

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Outubro/21 - média cf. Cepea/Esalq
ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Nesta semana mais curta em Chicago, diante do principal feriado anual nos EUA ocorrido quinta-feira (25), que é o dia de Ação de Graças, as cotações da soja se mantiveram relativamente estáveis. O fechamento para o primeiro mês, na quarta-feira (24), ficou em US\$ 12,66/bushel, contra US\$ 12,65 uma semana antes. Destaque para o fato de que as cotações do farelo, depois de terem atingido recordes nas últimas semanas, cederam, perdendo quase 20 dólares por tonelada curta, ao fechar o dia 24/11 em US\$ 357,60 em Chicago. Enquanto isso, o óleo voltou a ultrapassar o teto dos 60 centavos de dólar por libra-peso, enquanto as altas nas cotações do trigo também ajudaram a puxar o valor da soja nestas duas últimas semanas.

Enquanto isso, a colheita de soja nos EUA, até o dia 21/11, atingia a 95% da área total, contra 96% na média histórica para esta data.

Já as exportações estadunidenses, na semana encerrada em 18 de novembro, atingiam a 1,7 milhão de toneladas, ficando dentro das projeções do mercado. Em todo o atual ano comercial os EUA embarcaram 18,2 milhões de toneladas, ou seja, 27% a menos do que há um ano.

Por sua vez, a demanda chinesa por soja continua privilegiando o produto brasileiro. Em outubro passado o país asiático importou 775.331 toneladas de soja dos EUA, representando 77% a menos do que o importado no mesmo mês do ano passado. Já do Brasil, no mesmo mês, os chineses importaram 3,3 milhões de toneladas de soja, porém, ainda com uma redução de 22% em relação a outubro de 2020. Assim, a China importou um total de 5,1 milhões de toneladas em outubro passado, sendo este volume 41% menor do que o importado um ano antes. O total de outubro é o menor desde março de 2020, indicando que a China vem comprando menos soja em termos gerais. De fato, nos primeiros 10 meses de 2021 a China importou 79,1 milhões de toneladas de soja, ou seja, 5% abaixo do importado no mesmo período do ano passado. Segundo o mercado, parte desta redução se deve às margens de esmagamento muito baixas na China devido a situação ruim da suinocultura local. Já a preferência pelo produto brasileiro se dá em função da boa competitividade do produto nacional, tanto pelo preço quanto pela qualidade do grão, o qual oferece maior teor de proteína e óleo quando esmagado. Tradicionalmente, a soja dos EUA domina o mercado chinês no quarto trimestre do ano devido ao término da colheita no país norte-americano. Outro fator que tem pesado em favor da soja brasileira é a forte desvalorização do Real, a qual deixa a oleaginosa nacional mais competitiva no mercado externo. Neste contexto geral, pesa cada vez mais o desenrolar da safra sul-americana. Neste caso, aumenta a preocupação em torno de dois fatores: a falta de chuvas no sul do Brasil e parte da Argentina, obrigando muitos produtores ao replantio; e a redução de área semeada na Argentina, devido ao reintegro (tarifa imposta nas exportações) aplicado pelo governo local. As últimas estimativas dão conta de uma área argentina que será a menor dos últimos 15 anos, para a soja, nesta safra que está sendo semeada neste momento. Com isso, as cotações em Chicago têm encontrado mais um motivo para, por enquanto, se manterem um pouco acima dos US\$ 12,00/bushel. (cf. Notícias Agrícolas) Lembrando que no ano passado, no final de novembro, o bushel de soja girava ao redor de US\$ 11,90. Portanto, não muito distante do que está hoje em Chicago.

Por sua vez, na América do Sul, mesmo com a menor produção na Argentina, o volume total de soja a ser colhido na safra 2021/22 está sendo esperado em 212,5 milhões de toneladas, com um aumento de 8,5% em relação ao ano anterior, especialmente graças ao crescimento na produção brasileira. Este total sul-americano corresponderia a 55% da oferta mundial da oleaginosa. Serão 63,8 milhões de hectares plantados com soja na região, com aumento de 3% sobre o ano anterior, na medida em que a maior área brasileira compensaria a redução argentina. (cf. Cogo Inteligência) Algo a ser confirmado, pois a Argentina ainda tem muito a semear, já que apenas 32% da área esperada havia sido plantada até o início da presente semana no vizinho país.

E aqui no Brasil os preços subiram novamente, puxados pela manutenção de um câmbio favorável (R\$ 5,58 na manhã do dia 25/11), e pela reação de Chicago nas últimas duas semanas, quando o bushel ganhou quase 6%. Assim, o balcão gaúcho fechou a presente semana com o saco de soja valendo R\$ 158,97 na média estadual, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 149,00 e R\$ 161,00/saco. Esse retorno aos preços anteriores levou muitos produtores a venderem soja que ainda estava estocada de safras passadas.

O plantio da nova safra brasileira de soja atingia a 84% da área esperada até o dia 19/11, contra a média histórica de 77% para esta época. No Mato Grosso e Mato Grosso do Sul o plantio chegava a 99%, no Paraná a 97% (cf. Safras & Mercado). No Rio Grande do Sul, o mesmo atingia a 52%, contra 48% na média histórica. (cf. Emater) Se o clima ajudar, a safra nacional poderá chegar a 144 milhões de toneladas, havendo analistas privados já avançando a possibilidade de quase 146 milhões.

Já em termos de exportações, nas duas primeiras semanas de novembro o Brasil enviou ao exterior um total de 1,5 milhão de toneladas, sendo que, em todo o ano de 2021, as vendas externas nacionais somam, 86,2 milhões de toneladas, contra 82 milhões em todo o ano de 2020. (cf. Secex)

Enfim, a Embrapa Agrossilvipastoril, de Sinop-MT, divulgou o primeiro Boletim Agrometeorológico da safra 2021/2022 em Mato Grosso. De acordo com a publicação, a distribuição das chuvas naquele Estado tem sido favorável para a semeadura da soja em todas as regiões. Este clima positivo, conforme a Conab, teria permitido o plantio de 84,3% da área esperada até o final de outubro, contra apenas 44,7% na mesma época do ano passado, quando a região enfrentou forte estiagem.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, nesta semana do feriado de Ação de Graças nos EUA, subiram mais um pouco, com o fechamento da quarta-feira (24), para o primeiro mês, ficando em US\$ 5,79/bushel, contra US\$ 5,73 uma semana antes.

A colheita do milho nos EUA, no dia 21/11, atingia a 95% da área total, contra a média histórica de 92% nesta época do ano. Já os embarques do cereal, na semana encerrada em 19/11, somaram 618.490 toneladas, ficando um pouco acima do nível mínimo esperado pelo mercado. No total do atual ano comercial, os EUA já embarcaram 7,6 milhões de toneladas, ou seja, 27% a menos do que em igual período do ano passado.

Já na Argentina o plantio da nova safra de milho atingia a 48% da área no início da semana. A área total projetada é de 10,1 milhões de hectares, patamar 4,1% maior do que o registrado na temporada passada.

E no Brasil os preços se estabilizam, com viés de baixa em certas regiões. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 81,59/saco, enquanto nas demais praças o produto ficou entre R\$ 70,00 e R\$ 84,00/saco, sendo que o CIF Campinas (SP) ficou em R\$ 83,00. Já na B3, o início do pregão da quinta-feira (25) apontava os seguintes valores: contrato de janeiro/22 em R\$ 87,00/saco; março R\$ 87,14; maio R\$ 84,30; e julho R\$ 82,83/saco.

Os preços têm perdido fôlego diante da baixa exportação e da maior entrada de milho importado. Na região de Campinas (SP) a média, até 19/11, era de R\$ 84,53/saco, sendo a menor, em termos reais, desde setembro de 2020. (cf. Cepea)

Por outro lado, o plantio do milho de verão, da safra 2021/22, chegava aos 85% do total estimado no Rio Grande do Sul, até o dia 18/11, contra a média histórica de 84% nesta época. Já no Centro-Sul brasileiro, onde a área total esperada é de 4,38 milhões de hectares, o plantio igualmente tem avançado, apesar da falta de umidade em muitas regiões.

E contrariamente aos mais otimistas, que chegam a avançar uma colheita de milho de verão ao redor de 30 milhões de toneladas, o analista privado Safras & Mercado avança que a produção final deste produto deverá ficar em 25,7 milhões de toneladas no Centro-Sul nacional, contra 21,6 milhões no ano anterior. Por sua vez, em termos da futura safrinha, a área total será de 14,3 milhões de hectares, diminuindo 100.000 hectares sobre o ano anterior, embora a produtividade média possa chegar a 5.695 quilos/hectare, contra os 3.968 quilos da frustrada safra passada. Com isso, a safrinha 2021/22 poderá chegar a 81,7 milhões de toneladas, contra as 57,2 milhões da última colheita. Para as regiões Norte e Nordeste, a expectativa é de sejam cultivados 2,3 milhões de hectares com o cereal, contra 2,35 milhões cultivados na temporada 2020/21, ou seja, um recuo de 1,5%. A produtividade média poderá chegar a 5.102 quilos por hectare, um pouco acima dos 5.097 quilos obtidos na safra 2020/21. A produção nessas regiões poderá alcançar 11,8 milhões de toneladas na safra 2021/22, abaixo do volume colhido em 2020/21, de 11,97 milhões de toneladas e das 12,2 milhões de toneladas estimadas em agosto.

Neste contexto, a área total de milho no Brasil deverá ocupar 21,05 milhões de hectares em 2021/22, com retração de 0,3% frente aos 21,11 milhões cultivados em 2020/21. A produção total de milho deverá atingir a 119,2 milhões de toneladas, inferior às 122,6 milhões de toneladas indicadas na estimativa anterior. Mesmo assim, uma produção largamente superior as 90,8 milhões de toneladas da safra 2020/21. O rendimento médio das lavouras deverá ficar em 5.665 quilos por hectare neste ano, superando os 4.300 quilos da safra 2020/21.

Quanto às exportações, nas três primeiras semanas de novembro o Brasil atingiu a 1,63 milhão de toneladas, com tal volume representando 34,4% apenas do total exportado em todo o mês de novembro de 2020. Assim, a média diária de embarques ficou em 135.734 toneladas, ficando menor em 42,6% sobre a média de novembro de

2020. O preço da tonelada se elevou em 26,4% no período, saindo dos US\$ 178,40 no ano passado para US\$ 225,60 neste mês de novembro. Nos primeiros 10 meses do corrente ano o Brasil exportou 14,6 milhões de toneladas de milho, ou seja, 41,2% a menos do que no mesmo período do ano passado. (cf. Secex)

Por outro lado, o Brasil importou, nas três primeiras semanas de novembro, um total de 397.464 toneladas de milho. A média diária é 216% superior a do mesmo mês do ano passado. Nos primeiros 10 meses do ano o país já importou 2,14 milhões de toneladas, ou seja, 133,3% acima de igual período do ano passado. O preço de importação subiu 71,7%, saindo de US\$ 142,80 para US\$ 245,30.

Já no Estado do Mato Grosso, o custo do milho 2021/22 subiu pelo décimo mês consecutivo, em outubro. O custeio está agora estimado em R\$ 2.236,34/hectare, sendo que fertilizantes e corretivos representam 47,5% deste custo, contra 42,3% na safra anterior.(cf. Imea)

No Paraná, com o plantio da safra de verão concluído, tem-se que 4% das lavouras de milho estavam em frutificação no início da presente semana. (cf. Deral)

Enfim, vale destacar que a MP 1.071, de 22 de setembro, que zerou tributos sobre o milho importado para enfrentar a baixa oferta do produto no mercado brasileiro, teve sua vigência prorrogada por 60 dias. Ela zera até o fim do ano o PIS/Pasep e a Cofins na importação de milho.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, permaneceram firmes nesta semana, tendo chegado a atingir a US\$ 8,56/bushel no dia 23/11, fechando o dia seguinte (véspera do grande feriado de Ação de Graças nos EUA) em US\$ 8,36/bushel.Como já salientado na semana passada, tais cotações são as mais altas, para o trigo, desde 2012.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno nos EUA, até o dia 21/11, atingia a 96% da área total, contra 97% na média histórica. Nesta data, 86% já havia emergido, sendo que 44% das lavouras estavam entre boas a excelentes condições, 34% regulares e 22% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, os EUA embarcaram, na semana encerrada em 19/11, um total de 177.799 toneladas de trigo, ficando o volume abaixo das expectativas do mercado. No acumulado do ano, os embarques chegam a 10,5 milhões de toneladas, ou seja, 15% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior.

Já no Brasil, os preços do trigo seguem firmes. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 81,61/saco, enquanto no Paraná os preços variaram entre R\$ 88,00 e R\$ 90,00/saco. Nota-se que os preços seguem elevados em plena conclusão da colheita, onde a oferta foi maior do que a do ano anterior. Até o dia 18/11 o Rio Grande do Sul havia colhido 85% e o Paraná 97%. O volume a ser colhido no Paraná deverá ficar mesmo ao redor de 3,2 milhões de toneladas, porém, com uma produtividade média baixa, ao redor de 43 sacos/hectare, enquanto no Rio Grande do Sul o volume

tende a ser um pouco maior, porém, com uma produtividade igualmente abaixo do esperado. No Paraná, em relação ao esperado, a safra quebrou 19%. Em Santa Catarina, a colheita chegava apenas a 29% da área. A questão é a qualidade em algumas regiões nacionais. Já em outras regiões produtoras, com bem menor significado, o clima não colaborou. É o caso de São Paulo, onde a produção ficou aquém do esperado. Neste contexto, o mercado sinaliza que, atualmente, não há grandes motivações do produtor em comercializar o grão, apesar do elevado nível de preço, quando comparado a média histórica, sem contar o aumento significativo dos custos logísticos nos fretes marítimos e rodoviários.

Enquanto isso, no Paraná os produtores locais estão recebendo um valor 27% acima do ano anterior. Todavia, os custos variáveis de produção, naquele Estado, subiram para 39 sacos/ha, ou seja, R\$ 3.504,06/hectare (base agosto 2021). Considerando os custos totais a rentabilidade existe, porém, não é do tamanho que possa estimular o produtor a investir ainda mais na cultura na próxima safra. Especialmente se os custos continuarem subindo. Obviamente, para aqueles produtores em que a produtividade foi maior do que a média, o resultado, nos atuais preços, é muito positivo.